

# SILO

a céu aberto



Silo

**Silo a céu aberto**

[www.silo.net](http://www.silo.net)



## QUEM É SILO

Mario Luis Rodríguez Cobos, mais conhecido como Silo, nasceu em Mendoza, Argentina, no dia 6 de janeiro de 1938. Faleceu na mesma província, em 16 de setembro de 2010.

No final da década de 60 constrói um ermitério de pedra na intersecção das cadeias montanhosas de Tupungato, La Plata e Aconcágua e, em 4 de maio de 1969, desce para Punta de Vacas, lugar fronteiro entre o Chile e a Argentina, onde faz sua primeira exposição pública conhecida como *A Cura do Sofrimento*.

Poucos anos depois, escreve *O Olhar Interior*. Nessa obra, dá seu testemunho sobre como converter o sem-sentido da vida em sentido e plenitude.

Traduzindo uma mística em um projeto de humanização do mundo, impulsiona o *Movimento Humanista*, que inspira a criação de diversas organizações sociais, políticas e culturais que promovem o desarmamento, a união dos povos, a paz e a não violência, promovendo a mudança não apenas social, mas também pessoal e interpessoal.

Anunciando a primeira civilização planetária que se avizinha e o despertar de uma nova espiritualidade, lança, em 2002, *A Mensagem de Silo*, que oferece

explicações, procedimentos, experiências e meditações que facilitam o contato de cada pessoa consigo mesma.

Nos cinco continentes constroem-se Parques de Estudo e Reflexão voltados para o encontro, a experiência, o estudo e o intercâmbio.

Sua última exposição pública aconteceu em Berlim, por ocasião da primeira Marcha Mundial pela Paz e a Não Violência.

Seu pensamento, em diferentes formatos, pode ser lido, visto e escutado [www.silo.net](http://www.silo.net).

## **A cura do sofrimento**

---

Punta de Vacas, Mendoza, Argentina - 4 de maio de 1969

---

Se vieste escutar um homem que se supõe transmitir a sabedoria, erraste o caminho, porque a real sabedoria não se transmite por meio de livros nem de discursos; a real sabedoria está no fundo de tua consciência, assim como o amor verdadeiro está no fundo de teu coração.

Se vieste empurrado pelos caluniadores e hipócritas para escutar este homem, procurando algo que te sirva depois como argumento contra ele, erraste o caminho, porque este homem não está aqui para te pedir nada, nem para te usar, porque não precisa de ti.

Escutas um homem desconhecedor das leis que regem o universo, desconhecedor das leis da história, ignorante das relações que regem os povos. Este homem se dirige à tua consciência a muita distância das cidades e de suas ambições enfermas. Lá nas cidades, onde cada dia é um afã truncado pela morte, onde ao amor sucede o ódio, onde ao perdão sucede a vingança, lá nas cidades dos homens ricos e pobres, lá nos imensos campos dos homens pousou um manto de sofrimento e de tristeza.

Sofres quando a dor morde teu corpo. Sofres quando a fome se apodera de teu corpo. Mas não sofres apenas pela dor imediata de teu corpo, pela fome de teu corpo. Sofres também pelas consequências das enfermidades de teu corpo.

Deves distinguir dois tipos de sofrimento. Há um sofrimento que se produz em ti devido à doença (e esse sofrimento pode retroceder graças ao avanço da ciência, assim como a fome pode retroceder, mas graças ao império da justiça).

Há outro tipo de sofrimento que não depende da doença de teu corpo, mas que deriva dela: se tens algum impedimento, se não podes ver ou se não ouves, sofres; mas, ainda que este sofrimento derive do corpo ou das doenças de teu corpo, tal sofrimento é de tua mente.

Há um tipo de sofrimento que não pode retroceder frente ao avanço da ciência nem frente ao avanço da justiça. Esse tipo de sofrimento, que é estritamente de tua mente, retrocede frente à fé, frente à alegria de viver, frente ao amor. Deves saber que esse sofrimento está sempre baseado na violência que há em tua própria consciência. Sofres porque temes perder o que tens ou pelo que já perdeste ou pelo que desesperas alcançar. Sofres porque não tens ou porque sentes temor em geral... Eis os grandes inimigos do homem: o temor à doença, o temor à pobreza, o temor à morte, o temor à solidão. Todos estes são sofrimentos próprios de tua mente; todos eles denunciam a violência interna, a violência que há em tua mente. Observa que essa violência deriva sempre do desejo. Quanto mais violento é um homem, mais grosseiros são os seus desejos.

Gostaria de te contar uma história que aconteceu há muito tempo.

Existiu um viajante que teve que fazer uma longa travessia. Então, atou seu animal a uma carroça e empreendeu uma longa marcha rumo a um longínquo destino e com um limite fixo de tempo. O animal chamou de Necessidade, a carroça de Desejo, uma roda chamou de Prazer e a outra, Dor. Assim, então, o viajante levava sua carroça para a direita e para a esquerda, mas sempre rumo a seu destino. Quanto mais velozmente andava a carroça, mais rapidamente se moviam as rodas do Prazer e da Dor, ligadas como estavam pelo mesmo eixo e transportando como estavam a carroça do Desejo. Como a viagem era muito longa, nosso viajante se aborrecia. Decidiu, então, decorá-la, ornamentá-la com muitas belezas e assim foi fazendo. Porém, quanto mais embelezou a carroça do Desejo mais pesada esta se tornou para a Necessidade. De tal maneira que, nas curvas e nas encostas empinadas, o pobre animal desfalecia, não podendo arrastar a carroça do Desejo. Nos caminhos arenosos, as rodas do Prazer e do Sofrimento afundavam no solo. Assim, desesperou-se um dia o viajante porque era muito longo o caminho e estava muito longe de seu destino. Decidiu meditar sobre o problema nessa noite e, ao fazê-lo, escutou o relincho de seu velho amigo. Compreendendo a mensagem, na manhã seguinte desmantelou a ornamentação da carroça, aliviou-a de seus pesos e muito cedo levou seu animal

a trote, avançando rumo a seu destino. No entanto, tinha perdido um tempo que já era irrecuperável. Na noite seguinte, voltou a meditar e compreendeu, por um novo aviso de seu amigo, que tinha agora de empreender uma tarefa duplamente difícil, porque significava seu desprendimento. Na alta madrugada, sacrificou a carroça do Desejo. É certo que ao fazê-lo perdeu a roda do Prazer, mas com ela também a roda do Sofrimento. Montou o animal da Necessidade e, em cima de seu lombo, enveredou a galope pelas verdes pradarias até chegar a seu destino.

Observa como o desejo pode te encurralar. Há desejos de diversas qualidades. Há desejos mais grosseiros e há desejos mais elevados. Eleva o desejo, supera o desejo, purifica o desejo, que haverás certamente de sacrificar com isso a roda do prazer, mas também a roda do sofrimento.

A violência no homem, movida pelos desejos, não fica só como doença em sua consciência, senão que atua no mundo dos outros homens, exercitando-se com o resto das pessoas. Não creias que falo de violência me referindo apenas ao fato armado da guerra, em que uns homens destroçam outros homens. Essa é uma forma de violência física. Há uma violência econômica... A violência econômica é aquela que te faz explorar o outro; a violência econômica se dá quando roubas o outro, quando já não és irmão do outro, mas sim ave de rapina para teu irmão. Há, além disso, uma violência racial... Achas que não exercitas a violência quando persegues o outro que é de uma raça diferente da tua, achas que não exerces violência quando o difamas por ser de uma raça diferente da tua? Há uma violência religiosa... Achas que não exercitas a violência quando não dás trabalho ou fechas as portas ou despedes alguém por não ser da tua religião? Achas que não é violência cercar aquele que não comunga teus princípios por meio da difamação, cercá-lo em sua família, cercá-lo entre sua gente querida porque não comunga tua religião? Há outras formas de violência que são as impostas pela moral filisteia. Tu queres impor tua forma de vida ao outro, tu deves impor tua vocação ao outro... Mas quem te disse que és um exemplo que se deve seguir? Quem te disse que podes impor uma forma de vida porque te apraz? Onde está o molde e onde está o tipo para que tu o imponhas? Essa é outra forma de violência. Só podes acabar com a violência em ti e nos outros e no mundo que te rodeia pela fé interna e pela meditação interna. Não há falsas portas para acabar com a violência. Este mundo está prestes a explodir e não há forma de acabar com a violência! Não procures falsas portas! Não há política que possa solucionar esse afã enlouquecido de violência. Não há partido

nem movimento no planeta que possa acabar com a violência no mundo... Dizem-me que os jovens em diferentes latitudes estão procurando falsas portas para sair da violência e do sofrimento interno. Procuram a droga como solução. Não procures falsas portas para acabar com a violência.

Irmão meu, cumpre com mandamentos simples, como são simples estas pedras, esta neve e este sol que nos bendiz. Leva a paz em ti e leva-a aos demais. Irmão meu, lá na História está o ser humano mostrando o rosto do sofrimento, olha esse rosto do sofrimento... Mas recorda que é necessário seguir adiante e que é necessário aprender a rir e que é necessário aprender a amar.

A ti, irmão meu, lanço essa esperança, essa esperança de alegria, essa esperança de amor, para que eleves teu coração e eleves teu espírito, e para que não te esqueças de elevar teu corpo.



## **Ato em comemoração ao trigésimo aniversário do Movimento Humanista**

---

Punta de Vacas, Mendoza, Argentina - 4 de maio de 1999

---

Queridos amigos,

Aqui estamos novamente! Aqui estamos nesta celebração, rodeados por uns poucos amigos que estiveram presentes desde o começo de nossas atividades e também estamos em companhia de outros que mais recentemente têm nos acompanhado nessa difícil tarefa de humanização em um mundo que, em direção inversa a nossas aspirações, desumaniza-se a cada dia.

Por outro lado, e em consideração a alguns dos presentes que não contam com uma versão adequada de nossos trabalhos e de nosso ideário, acreditamos que é justo desenvolver para eles alguns pontos que, embora excessivamente simplificados, podem dar uma imagem aproximada dos fatos que deram origem a essa corrente de pensamento e ação que se expressou publicamente pela primeira vez nesta mesma paragem desolada há trinta anos atrás.

Era a década de 60. Já havia passado a barbárie da segunda guerra mundial há muito tempo e ocorria em alguns lugares um grande processo de reconstrução econômica e de reordenamento social. Entretanto, os conflitos bélicos continuavam, a fome e as desigualdades se estendiam em vastas latitudes e a capacidade de destruição massiva crescia sem freio. O mundo tinha se tornado bipolar e em ambos os blocos se pregava que o armamentismo era necessário para evitar a agressão do oponente. Nessa situação, o globo foi dividido entre ideologias que estavam em condição de atuar como instrumento de dominação,

mas que não estavam em condição de entender o momento histórico em que se encontravam e muito menos entender o processo para o qual eram arrastadas. A crise de civilização que começou a se expressar nessa época não foi, entretanto, um fenômeno original, mas a simples continuação e exacerbação dos mesmos fatores que haviam contribuído para gerar as monstruosidades e as catástrofes mundiais. É nesse clima de mal-estar geral que irrompem os fenômenos juvenis daquela época, entre os quais há um pequeno grupo que se inicia nestas latitudes e vai se estendendo a pontos cada vez mais distantes. Esse grupo não pode se expressar livremente, porque já nesses tempos começam a ocorrer as ditaduras e, quando a atividade militante de seus membros os leva à necessidade de comunicar suas propostas a conjuntos mais numerosos, começa a desatar o conflito que logo leva à prisão e à deportação de tantos jovens que gostaria de recordar neste momento – jovens valorosos do Chile e da Argentina, que continuaram desenvolvendo no exílio esse movimento nascente. Queremos também recordar especialmente os primeiros membros da Espanha, Itália e Estados Unidos, que acolheram solidariamente os exilados daquela época. Hoje se encontram presentes vários desses antigos amigos que continuam unidos por tantas experiências comuns. Para todos eles, nossa cálida saudação.

Mas, continuemos com nosso relato. Na década de 70, começa a se articular a organização d'A Comunidade para o Desenvolvimento Humano. Trata-se de um agrupamento social e cultural que, com o passar dos anos, seria reconhecido pelas Nações Unidas. Nesse momento, já se fixam parâmetros doutrinários mais precisos e se estabelecem as características desse novo tipo de movimento, que já não pode ser confundido com o espontaneísmo de outros grupos, naquele momento em franca decadência e desintegração. É a partir d'A Comunidade para o Desenvolvimento Humano (esse organismo cujo logotipo podia ser visto como um triângulo inscrito em um círculo) que começa a se desenvolver um numeroso conjunto de clubes culturais, organizações sociais e de bairro e agrupações de base. Assim vai se formando lentamente este Movimento Humanista, que se expande através de diversas expressões, que vão de campanhas de alfabetização em países do Caribe e da África até o trabalho de saúde social em que atuam médicos, paramédicos e colaboradores com muitas limitações, mas grande espírito, em vários pontos do mundo. Este Movimento Humanista tão diversificado em suas atividades sociais e culturais também dá origem a partidos políticos que começam a se articular na década de 80. Já na década de 90, o

Movimento alcança sua plena maturidade conceitual, define-se como Humanismo Universalista ou como Novo Humanismo e se diferencia nitidamente dos antigos humanismos com os quais não guarda relação orgânica nem ideológica. Neste ano em que estamos, prepara-se para realizar uma completa avaliação da atuação desde seus primeiros passos e pretende definir sua estratégia para o século que vem.

Para completar nosso quadro expositivo, diremos que o que termina definindo este movimento não é uma determinada ação política, uma ação social ou uma atividade cultural, mas um conjunto de ideias e um estilo de comportamento.

Simplificando ao máximo as propostas mais gerais deste movimento, poderíamos dizer que este propicia, primeiramente, a localização do ser humano como valor e preocupação central, de tal modo que nada esteja acima do ser humano, nem que um ser humano esteja acima de outro. Em segundo lugar, afirma a igualdade de todas as pessoas e, portanto, trabalha pela superação da simples formalidade de direitos iguais perante a lei para avançar em direção a um mundo de oportunidades iguais para todos. Em terceiro lugar, reconhece a diversidade pessoal e cultural e, portanto, afirma as características próprias de cada povo, condenando toda discriminação que se realize em função de diferença econômica, racial, étnica e cultural. Em quarto lugar, apoia toda tendência ao desenvolvimento do conhecimento por cima das limitações impostas ao pensamento por preconceitos aceitos como verdades absolutas ou imutáveis. Em quinto lugar, afirma a liberdade de ideias e crenças e, por último, repudia toda forma de violência, entendendo não somente a violência física como único fator, mas a violência econômica, a violência racial, a violência religiosa, a violência moral e psicológica como casos cotidianos arraigados em todas as regiões do planeta.

Essas propostas de considerar o ser humano como valor central, de propiciar a igualdade de oportunidades para todos, de reconhecer a diversidade opondo-se a toda discriminação, de apoiar a liberdade de pensamento e de lutar contra toda forma de violência caracterizam nosso pensamento e nossa ação nos aspectos mais gerais. Ao mesmo tempo, essas propostas terminam configurando um estilo de vida e um modo de relação do mais alto valor moral, que pode expressar-se nesta frase: “Trata os demais como queres que te tratem!”.

Por último, deve-se destacar como determinante de nosso comportamento a participação em todos os campos, a fim de levar adiante as propostas antes mencionadas. Participar das áreas cultural, social e política com a maior energia e tenacidade de que sejamos capazes deixa de ser uma recomendação de nosso movimento para transformar-se em uma necessidade desta época crítica em que estamos vivendo. O argumento de que tudo está em mãos de um sistema infinitamente poderoso e violento, que o êxito pertence aos corruptos e aos incapazes, em vez de ser motivo de aceitação para nossa condição de seres humilhados e submetidos, deve transformar-se em um estímulo fundamental para mudar o estado das coisas públicas.

Por outro lado, destacamos também a dimensão do estritamente pessoal e do interpessoal que, embora inscritos no contexto social, constituem o núcleo de nossa existência. As relações pessoais deterioradas hoje ao máximo mostram o aumento de uma violência surda na qual o “você” e o “nós” vão desaparecendo e na qual o indivíduo lançado à solidão e ao atordoamento já não encontra saídas. Devemos reafirmar nesse campo que todo ser humano tem direito a se perguntar pelo sentido da vida, pelo amor, pela amizade, por tudo aquilo que diz respeito à poesia e à grandeza da existência humana e que uma estúpida e pequena cultura materialista trata de degradar, arrastando tudo para os antivalores e a desintegração.

Nesta situação em que estamos vivendo, reconhecemos o triunfo provisório da cultura do anti-humanismo e declaramos o fracasso de nossos ideais que não puderam se cumprir. Mas os triunfadores de hoje não possuem o futuro assegurado, porque uma nova espiritualidade começa a se expressar em todo o mundo – não é a espiritualidade da superstição; não é a espiritualidade da intolerância; não é a espiritualidade do dogma; não é a espiritualidade da violência religiosa; não é a pesada espiritualidade das velhas tábuas nem dos desgastados valores; é a espiritualidade que despertou de seu profundo sono para nutrir novamente os seres humanos em suas melhores aspirações.

Se hoje temos de declarar nosso fracasso, também temos de anunciar uma nova civilização que está nascendo, a primeira civilização planetária da história humana. E, portanto, aquelas crises que sobrevêm e ainda sobrevirão em um futuro próximo servirão, não obstante seu infortúnio, para superar essa última etapa da pré-história humana. E cada qual saberá se decide ou não acompanhar

essa mudança e cada qual compreenderá se busca ou não uma renovação profunda em sua própria vida.

Neste trigésimo aniversário que celebramos, quero fazer chegar a mais afetuosa lembrança a centenas de milhares de amigos no mundo e, ao mesmo tempo, saudar fraternalmente os que hoje aqui nos acompanham.

Paz, força e alegria para todos!

# Primeira celebração anual d'A Mensagem de Silo

---

Punta de Vacas, Mendoza, Argentina - 4 de maio de 2004

---

Queridos amigos,

Fracassamos, mas insistimos! Fracassamos, mas insistimos em nosso projeto de humanização do mundo.

Fracassamos e continuaremos fracassando uma e mil vezes, porque montamos nas asas de um pássaro chamado “intento”, que voa sobre as frustrações, as debilidades e as pequenezas.

É a fé em nosso destino, é a fé na justiça de nossa ação, é a fé em nós mesmos, é a fé no ser humano a força que anima nosso voo.

Porque não é o fim da História, nem o fim das ideias, nem o fim do homem, porque tampouco é o triunfo definitivo da maldade e da manipulação podemos sempre tentar mudar as coisas e a nós mesmos.

Esse é o intento que vale a pena viver porque é a continuação das melhores aspirações das boas pessoas que nos precederam. É o intento que vale a pena viver porque é o antecedente das futuras gerações que transformarão o mundo.

Duas grandes almas que lutaram contra a discriminação e a injustiça acompanham nosso encontro. Guias inspiradores da não violência, Mahatma Gandhi e Luther King conheceram o fracasso, mas jamais desistiram em seu intento. Hoje estão muito presentes em nossa mente e em nosso coração.

Neste desgraçado mundo no qual a força e a injustiça se assenhoreiam em campos e cidades, como se pensa em acabar com a violência?

Talvez pensem que são um exemplo inspirador para as novas gerações quando, disfarçados de videogame, investem contra o mundo; quando ameaçam na pior mostra de bandidagem; quando finalmente enviam seus jovens para invadir, matar e morrer em terras longínquas. Este não é um bom caminho nem um bom exemplo.

Talvez pensem que voltar às práticas primitivas de pena de morte será um grande exemplo social.

Talvez pensem que penalizando progressivamente o delito cometido pelas crianças desaparecerá o delito... Ou desaparecerão as crianças!

Talvez acreditem que, levando a prática do “pulso firme” para as ruas, estas estarão seguras.

Certamente, esses problemas existem e se multiplicam no momento atual, mas a paz não resultará de um enfoque violento.

Não teremos paz a partir dessa visão zoológica da vida que apoia a luta pela sobrevivência, a luta pelo domínio do mais apto. Esse mito não vai funcionar. Não teremos paz com a manipulação das palavras ou censura das legítimas denúncias feitas contra todo atropelo e toda atrocidade que se comete contra os seres humanos. A essa altura, tomarei cuidado para não mencionar os “direitos humanos”, porque estes também foram esvaziados de conteúdo e falseados em seu significado. Agora acontece que se bombardeia populações indefesas para proteger seus direitos humanos...

Não teremos paz a partir dessa visão zoológica da vida que propicia uma ordem social com base em prêmios e castigos, transferindo a domesticação animal ao honorável cidadão, que começa a ser treinado em desconfiança, em delação e no comércio de seus afetos.

“Algo tem que ser feito” se escuta em todos os lugares. Pois bem, eu direi o que tem que ser feito, mas de nada valerá dizê-lo porque ninguém escutará.

Eu digo que, na ordem internacional, todos os que estão invadindo territórios deveriam retirar-se imediatamente e acatar as resoluções e recomendações das Nações Unidas.

Digo que, na ordem interna das nações, deveria haver um empenho em fazer a lei e a justiça funcionarem, por mais imperfeitas que sejam, antes de endurecer

leis e disposições repressivas que cairão nas mesmas mãos dos que entorpecem a lei e a justiça.

Digo que, na ordem doméstica, as pessoas deveriam cumprir o que predicam, saindo de sua retórica hipócrita que envenena as novas gerações.

Digo que, na ordem pessoal, cada um deveria se esforçar para conseguir que coincida o que pensa com o que sente e faz, modelando uma vida coerente e escapando da contradição que gera violência.

Mas nada do que se diga será escutado. No entanto, os próprios acontecimentos farão com que os invasores se retirem; que os duros sejam repudiados pelas populações que exigirão o simples cumprimento da lei; que os filhos recriminem a hipocrisia de seus pais; que cada um se recrimine a si mesmo pela contradição que gera em si e naqueles que o rodeiam.

Estamos no final de um obscuro período histórico e já nada será igual a antes. Pouco a pouco, começará a romper a alvorada de um novo dia; as culturas começarão a se entender; os povos experimentarão uma ânsia crescente de progresso para todos, entendendo que o progresso de uns poucos termina no progresso de ninguém. Sim, haverá paz e por necessidade compreender-se-á que começa a se perfilar uma nação humana universal.

Enquanto isso, nós que não somos escutados trabalharemos a partir de hoje em todos os cantos do mundo para pressionar os que decidem, para difundir os ideais de paz com base na metodologia da não violência, para preparar o caminho dos novos tempos.

Sim, vale a pena que esta Mensagem e este Humanismo Universalista ganhem força. Vale a pena que os jovens reforcem esta Força Moral como uma variante da História, que este caudal seja incontido e se escute seu rumor em todas as línguas da Terra. Então, as novas gerações começarão a ensinar as adultas com um novo afeto e uma nova compreensão.

Finalmente, amigos, quero compartilhar com todos esta certeza profunda que diz: “o Sagrado está em nós e nada de mal pode acontecer nessa busca profunda do Inominável”. Creio que algo muito bom ocorrerá quando os seres humanos encontrarem o Sentido tantas vezes perdido e tantas vezes reencontrado nos recantos da História.



Quisera eu, amigos, que se escutasse a mensagem do Profundo. Não é uma mensagem estridente, é uma mensagem muito suave, que não se pode escutar quando se quer agarrá-la.

Quisera eu, amigos, transmitir a certeza da imortalidade. Mas como poderia o mortal gerar algo imortal? Talvez deveríamos perguntar-nos como é possível que o imortal gere a ilusão da mortalidade.

Que bom é estarmos aqui juntos, considerando o presente e o futuro. Que bom que neste momento milhares de amigos em distintas latitudes estejam presenciando este encontro. Mas, por outro lado, já não vale que busquemos lugares afastados para nos expressar sem ofender ninguém, porque estas palavras estão chegando muito longe. Então, será necessário pedir desculpas a quem tenha se sentido agredido por nossos dizeres, que sem dúvida não buscaram personalizar, e sim referir-se a situações e momentos históricos pontuais.

Enquanto as palavras vão calando, nossos olhares as substituem...

Nossos olhares se encontram e se compreendem em profundidade.

Saudamos a todos de coração a coração.

# Inauguração da Sala da América do Sul

---

Parque La Reja, Buenos Aires, Argentina - 7 de maio de  
2005

---

Queridos amigos,

Agradecemos o apoio que recebemos de milhares de pessoas na América do Sul. Seus nomes aparecem gravados nas placas de aço daquela grande estela.

Agradecemos o trabalho dos operários, projetistas, arquitetos e construtores.

Agradecemos a todos os que nos acompanham nesta celebração.

E agradecemos por poder inaugurar este lugar aberto à reflexão pessoal, ao estudo e ao intercâmbio.

Neste momento, não devemos esquecer outros pontos de encontro que estão surgindo e se multiplicando nos cinco continentes. Em muitos deles, em numerosas salas e salinhas, em diversas partes do mundo, estão escutando e vendo o que dizemos e fazemos hoje aqui porque, bem sabemos, as palavras e as imagens rodam a partir desses espaços inspiradores para os espaços virtuais e dali ecoam nos espaços da espera.

Muitos de nós, situados em diversos lugares, estamos alegres com esta celebração. Estamos alegres porque não devemos agradecimentos nem aos governos, nem às empresas, nem aos poderosos, nem aos meios de comunicação. Tudo se construiu aqui e em diferentes lugares do mundo graças aos esforços do Movimento Humanista e de um conjunto de pessoas que, sem especulações nem cálculos, tem apoiado o desenvolvimento de nossa Mensagem.

Portanto, é oportuno agradecer agora a esse grande Movimento, citando seus ideais e propostas fundamentais, que se formalizam nos seis pontos seguintes: em primeiro lugar, propicia a localização do ser humano como valor e preocupação central, de tal modo que nada esteja acima do ser humano e nenhum ser humano esteja acima de outro. Em segundo lugar, afirma a igualdade de todas as pessoas e trabalha pela superação da simples formalidade de direitos iguais perante a lei, avançando em direção a um mundo de oportunidades iguais para todos. Em terceiro lugar, reconhece a diversidade pessoal e cultural, afirmando as características próprias de cada povo e condenando toda discriminação que se realize em função de diferenças econômicas, raciais, étnicas e culturais. Em quarto lugar, apoia toda tendência ao desenvolvimento do conhecimento acima das limitações impostas ao pensamento por preconceitos aceitos como verdades absolutas ou imutáveis. Em quinto lugar, afirma a liberdade de ideias e crenças e, em sexto lugar, repudia não apenas as formas de violência física, mas também todas as formas de violência econômica, racial, sexual, religiosa, moral e psicológica, como casos cotidianos enraizados em todas as regiões do mundo.

Esses seis pontos do Humanismo constituem para nós, mensageiros de um novo espírito, a base de nossa doutrina social e de nosso compromisso de ação no mundo.

No entanto, é no contato diário com as pessoas concretas e é diante das angústias da própria consciência que cada um se pergunta pela direção que deve dar a seu comportamento e sua vida.

Como pode uma pessoa decidir a direção de sua vida, se está muito longe de ter o controle de sua situação diária? Como pode uma pessoa decidir livremente o sentido de sua vida, estando submetida às necessidades que se impõem a partir do próprio corpo? Como pode decidir livremente, acorrentada como está a um sistema de urgências econômicas, a um sistema de relações familiares, de trabalho e de amizade que, às vezes, se converte em um sistema de desemprego e desespero, de solidão, de desamparo, de fracasso das esperanças? Como pode decidir livremente baseando-se em informações manipuladas e em uma exaltação midiática de antivalores, capaz de mostrar como modelo máximo de comportamento o poderoso que exhibe impudicamente a violência, a ameaça, o atropelo, a arbitrariedade e a injustiça? Como pode decidir livremente, se os

reitores morais das grandes religiões justificam ou permanecem em silêncio diante dos genocídios, das guerras santas, das guerras defensivas ou das guerras preventivas?

Porque a atmosfera social está envenenada de crueldade, nossas relações pessoais tornam-se a cada dia mais cruéis, e o tratamento que cada pessoa dá a si mesma é também cada vez mais cruel.

Os grandes medos do ser humano impedem-no de dar à vida uma direção desejada e com significado. Os temores à pobreza, à solidão, à doença e à morte se conjugam e se fortalecem na sociedade, nos grupos humanos e nos indivíduos.

Mas, apesar de tudo... apesar de tudo... apesar desse desgraçado aprisionamento, algo leve como um som longínquo, algo leve como a brisa amanhecida, algo que começa suavemente vai abrindo caminho no interior do ser humano.

Por que, alma minha, essa esperança? Por que essa esperança que, das mais obscuras horas de meu infortúnio, abre caminho luminosamente?

Como hoje estamos em uma celebração (e em algumas celebrações as pessoas trocam presentes), gostaria de te dar um presente que tu verás se merece ser aceito. Trata-se, na realidade, da recomendação mais fácil e prática que sou capaz de oferecer. É quase uma receita de cozinha, mas confio que irá além do que as palavras indicam...

Em algum momento do dia ou da noite, inspira o ar profundamente e imagina que levas esse ar a teu coração. Então, pede com força por ti e por teus seres mais queridos. Pede com força para te afastares de tudo aquilo que te traz contradição; pede que tua vida tenha unidade. Não destines muito tempo a essa breve oração, a esse breve pedido, porque bastará com que interrompas por um instante o que está acontecendo em tua vida para que, no contato com teu interior, clarifiquem-se teus sentimentos e tuas ideias.

Afastar a contradição é o mesmo que superar o ódio, o ressentimento, o desejo de vingança. Afastar a contradição é cultivar o desejo de reconciliação com outros e consigo mesmo. Afastar a contradição é perdoar e reparar duas vezes cada mal que se tenha infligido a outros.

Essa é a atitude que cabe cultivar. Então, à medida que o tempo passe,

compreenderás que o mais importante é alcançar uma vida de unidade interna que frutificará quando o que penses, sintas e faças vá na mesma direção. A vida cresce por sua unidade interna e se desintegra pela contradição. E acontece que o que fazes não fica só em ti, mas chega aos demais. Portanto, quando ajudas outros a superarem a dor e o sofrimento, fazes tua vida crescer e contribuis com o mundo. Inversamente, quando aumentas o sofrimento de outros, desintegras tua vida e envenenas o mundo. E a quem deves ajudar? Em primeiro lugar, a quem está mais próximo, mas tua ação não se deterá neles.

Com aquela “receita” não termina a aprendizagem, e sim começa. Naquela “receita” se diz que temos que pedir, mas a quem se pede? Conforme o que acreditas, será para teu deus interno, teu guia ou uma imagem inspiradora e reconfortante. Por último, se não tens a quem pedir, também não terás a quem dar e, então, meu presente não merece ser aceito.

Mais adiante, poderás considerar o que explica a Mensagem em seu Livro, em seu Caminho e em sua Experiência. E contarás, também, com verdadeiros companheiros que possam empreender contigo uma vida nova.

Naquele simples pedido, há também uma meditação que se orienta em direção à própria vida. E esse pedido e essa meditação irão ganhando força suficiente para transformar situações cotidianas.

Avançando desse modo, talvez um dia captas um sinal. Um sinal que se apresenta às vezes com erros e às vezes com certezas. Um sinal que se insinua com muita suavidade, mas que em certos momentos da vida irrompe como um fogo sagrado, dando lugar ao arroubo dos enamorados, à inspiração dos artistas e ao êxtase dos místicos. Porque, é conveniente dizê-lo, tanto as religiões quanto as obras de arte e as grandes inspirações da vida saem dali, das diversas traduções desse sinal, e não há motivo para crer que essas traduções representem fielmente o mundo que traduzem. Esse sinal em tua consciência é a tradução em imagens do que não tem imagens, é o contato com o Profundo da mente humana, uma profundidade insondável onde o espaço é infinito e o tempo é eterno.

Em alguns momentos da história, levanta-se um clamor, um pedido dilacerante dos indivíduos e dos povos. Então, do Profundo chega um sinal. Oxalá esse sinal seja traduzido com bondade nos tempos que correm, seja traduzido para superar a dor e o sofrimento. Porque por trás desse sinal estão soprando os ventos da grande mudança.

Quando há muitos anos anunciávamos a queda de um sistema, muitos ironizavam o que para eles era impossível. Meio mundo, meio sistema supostamente monolítico desmoronou.

Mas aquele mundo que caiu fez isso sem violência e mostrou as coisas boas que existiam nas pessoas. E, mais ainda, antes de desaparecer, a partir daquele mundo propiciou-se o desarmamento e começou-se a trabalhar seriamente pela paz. E não houve nenhum apocalipse. Em metade do planeta, o sistema desmoronou e, para além das penúrias econômicas e da reorganização das estruturas que as populações padeceram, não houve tragédias, nem perseguições, nem genocídios. Como acontecerá a queda da outra metade do mundo? Que a resposta ao clamor dos povos seja traduzida com bondade, seja traduzida na direção de superar a dor e o sofrimento.

Como seres humanos, não somos alheios ao destino do mundo. Orientemos nossa vida na direção da unidade interna, orientemos nossa vida na direção da superação das contradições, orientemos nossa vida para a superação da dor e do sofrimento em nós e em nosso próximo e onde possamos atuar.

Que nossa vida cresça, superando a contradição e o sofrimento. Que nossa vida avance, fazendo os demais avançarem.

Neste dia de celebração, gostaria de saudar muito afetuosamente todos os que estão aqui presentes e também aqueles que, estando muito afastados no espaço, encontram-se comunicados conosco.

# Inauguração do Parque Los Manantiales

---

Santiago, Chile - 6 de maio de 2006

---

Queridas amigas, queridos amigos,

No dia 4 de maio de 1969, realizamos um primeiro ato público que se transformou no ato fundacional de nossa corrente de pensamento. Nesse ato fundacional de 37 anos atrás, não partimos de uma declaração de princípios, nem de um documento mais ou menos ideológico, nem de uma instituição, mas de uma atitude testemunhal que, desafiando uma ditadura militar, expressou-se contra toda forma de violência.

Em 1999, realizou-se a celebração do trigésimo aniversário daquele fato, convertido já em um Movimento de multiplicidade e variedade de formas. Nesses 30 anos, a opinião pública havia mudado o suficiente para aceitar que um Movimento não tinha por que ser unicamente um partido ou uma organização social ou uma agrupação cultural. Já na atmosfera ideológica da época, começava-se a privilegiar a diversidade de expressões e de ideias, pelo menos no sentido abstrato, mesmo que jamais se aceitasse nossa diversidade de opiniões, de campos de interesse e de procedimentos.

O tempo passou e, em 2004, a celebração, que ia adquirindo periodicidade anual, realizou-se em um único ponto geográfico; em 2005, em vários pontos e neste 2006, em diversos continentes, países e lugares.

Assim resumimos o histórico desses atos públicos. Não é certamente o histórico de nossas nutridas e diversificadas atividades, que hoje em dia se multiplicam pelo mundo.

Também hoje inauguramos aqui no Chile este Parque Los Manantiales e daqui aproveitamos para enviar uma afetuosa saudação a nossas amigas e amigos muito queridos que, em suas salas, salinhas e lugares de reunião em diversas latitudes rememoram mais um ano do acontecido naquele 4 de maio de 1969. Deste magnífico lugar deveríamos consagrar este dia móvel para que seja conhecido no futuro como o “Dia do Testemunho”. Um testemunho que privilegia essa atitude humana e que a justifica em si mesma, acima de toda ideologia, de toda teoria e de todo cálculo de consequências práticas. Esse ponto de vista, segundo o qual primeiramente está a expressão da vida humana — com suas certezas, dúvidas, intentos e rebeliões —, volta a animar aqueles que têm os pés na terra e a cabeça nos céus.

A inauguração do Parque Los Manantiales também nos convida a encorajar a construção dos parques em Alexandria e em Bombaim, ao mesmo tempo em que vemos se concretizarem na Úmbria, Itália, em Red Bluff, Califórnia e em Toledo, Espanha.

Os parques de Chaco e de La Reja somam-se a este Los Manantiales. Todos eles completos e habilitados. E, neste momento, estamos em condição de reiniciar a construção do histórico Parque Punta de Vacas.

Como sabemos, os parques são lugares abertos de passeio, com diversos pontos de reunião, de intercâmbio, de meditação e, em alguns casos, com pontos habilitados para retiro e estudo.

Depois de esboçar a situação atual, resta-nos comentar que aspiramos a incentivar as atividades planejadas para que todos os Parques possam estar terminados em 2007.

Nesta linda e cálida celebração do trigésimo sétimo aniversário, não podemos deixar de dar o testemunho que agora ratificaremos em uma cerimônia conjunta.



# **Jornadas de Inspiração Espiritual**

---

Punta de Vacas, Mendoza, Argentina - 5 de maio de 2007

---

Queridas amigas, queridos amigos, peregrinos e visitantes do Parque Punta de Vacas. Gostaria de tocar no núcleo principal destas jornadas, que está dado pela Reconciliação como experiência espiritual profunda. Mas sei que saberão me perdoar se faço um rodeio, adiando o tema por uns minutos, a fim de ambientar esta situação um tanto extraordinária que estamos vivendo.

Somente quatro vezes em quase 40 anos nos comunicamos publicamente daqui, desta paragem montanhosa desolada. A primeira vez foi em 1969. E hoje vemos umas estelas gravadas em diversos idiomas que recordam o que foi dito naquela oportunidade. Ali está a síntese de um sistema de pensamento e ação que foi se expressando de diversas maneiras, em distintos momentos e em diferentes lugares do mundo. Naquela época, falou-se das diferenças que existem entre a dor física e o sofrimento mental. E se considerou a Justiça e a Ciência, voltadas totalmente para o progresso das sociedades, como únicos caminhos para mitigar e fazer retroceder a dor de nossos corpos. Mas ocorre com o sofrimento mental, diferentemente da dor física, que não é possível fazê-lo desaparecer apenas pelo caminho da Justiça e da Ciência. O contínuo empenho em fazer a Ciência e a Justiça avançarem nas sociedades humanas dignifica as melhores causas. Igualmente, ao tratar de vencer o sofrimento mental, faz-se um esforço tão importante quanto o aplicado em vencer a dor. Desde então, afirmamos que os esforços para superar a dor e o sofrimento são os mais dignos esforços do empreendimento humano.

Com centenas de milhares de amigos queridos, assumimos a tarefa de

humanizar a Terra. O que tem sido para nós "humanizar a Terra"? Tem sido colocar como valor máximo a liberdade humana e como máxima prática social a não discriminação e a não violência. Ao tratar de humanizar a Terra, não nos excluíamos das obrigações que exigíamos de outros. De fato, impúnhamo-nos como norma de conduta a exigência de tratar os demais como queríamos ser tratados. Agora, propusemos fazer uma parada no caminho da humanização para refletir sobre o sentido de nossa existência e de nossas ações. Peregrinamos a esta paragem desolada, buscando a Força que alimenta nossa vida, buscando a Alegria do fazer e buscando a Paz mental necessária para progredir neste mundo alterado e violento. Nestas Jornadas, estamos revisando nossas vidas, nossas esperanças e também nossos fracassos, com o objetivo de limpar a mente de toda falsidade e contradição. Ter a oportunidade de revisar aspirações e frustrações é uma prática que, ainda que fosse apenas uma vez na vida, deveria ser feita por todo aquele que busca avançar em seu desenvolvimento pessoal e em sua ação no mundo. Estes são dias de inspiração e reflexão.

Estes são dias de Reconciliação. Reconciliação sincera com nós mesmos e com aqueles que nos feriram. Nessas relações dolorosas que padecemos, não estamos tentando perdoar nem ser perdoados. Perdoar exige que uma das partes se coloque em uma altura moral superior e que a outra parte se humilhe diante daquele que perdoa. E é claro que o perdão é um passo mais avançado que o da vingança, mas não é tanto quanto o da reconciliação.

Tampouco estamos tentando esquecer as ofensas que aconteceram. Não é o caso de tentar a falsificação da memória. É o caso de tentar compreender o que aconteceu para entrar no passo superior de reconciliar. Nada de bom se consegue pessoal ou socialmente com o esquecimento ou o perdão. Nem esquecimento nem perdão! Porque a mente deve ficar fresca e atenta, sem dissimulações, nem falsificações. Estamos considerando agora o ponto mais importante da Reconciliação que não admite adulterações. Se buscamos uma reconciliação sincera conosco e com aqueles que nos feriram intensamente é porque queremos uma transformação profunda de nossa vida. Uma transformação que nos tire do ressentimento no qual, definitivamente, ninguém se reconcilia com ninguém e nem sequer consigo mesmo. Quando conseguimos compreender que em nosso interior não habita um inimigo, mas um ser cheio de esperanças e fracassos, um ser no qual vemos, em curta sucessão de imagens, momentos bonitos de plenitude e momentos de frustração e ressentimento; quando conseguimos

compreender que nosso inimigo é um ser que também viveu com esperanças e fracassos, um ser que teve belos momentos de plenitude e momentos de frustração e ressentimento, estamos colocando um olhar humanizador sobre a pele da monstruosidade.

Este caminho para a reconciliação não surge espontaneamente, do mesmo modo que não surge espontaneamente o caminho para a não violência. Porque ambos requerem uma grande compreensão e a formação de uma repugnância física pela violência.

Não seremos nós que julgaremos os erros, próprios ou alheios – para isso, estará a retribuição humana e a justiça humana, e será a altura dos tempos que exercerá seu domínio, porque eu não quero me julgar nem julgar... Quero compreender em profundidade para limpar minha mente de todo ressentimento.

Reconciliar não é esquecer nem perdoar, é reconhecer tudo o que ocorreu e propor-se a sair do círculo do ressentimento. É passear o olhar, reconhecendo os erros próprios e os dos outros. Reconciliar a si mesmo é propor-se a não passar pelo mesmo caminho duas vezes, mas dispor-se a reparar duplamente os danos produzidos. Mas está claro que àqueles que nos tenham ofendido não podemos pedir que reparem duplamente os danos que nos causaram. No entanto, é uma boa tarefa fazer-lhes ver a cadeia de prejuízos que vão arrastando em suas vidas. Ao fazer isso nos reconciliamos com quem tenhamos sentido antes como um inimigo, mesmo que isso não faça com que o outro se reconcilie conosco, mas isso já é parte do destino de suas ações sobre as quais nós não podemos decidir.

Estamos dizendo que a reconciliação não é recíproca entre as pessoas e que a reconciliação consigo mesmo não traz como consequência que outros saiam de seu círculo vicioso, embora se possa reconhecer os benefícios sociais de semelhante postura individual.

O tema da reconciliação tem sido central em nossas jornadas, mas seguramente muitos outros avanços teremos conseguido ao peregrinar fisicamente em uma paisagem desconhecida que terá despertado paisagens profundas. E isso sempre será possível se o Propósito que nos leva a peregrinar for uma disposição para a renovação, ou melhor ainda, uma disposição para a transformação da própria vida.

Nestes dias, revisamos as situações que consideramos mais importantes em

nossa vida. Se localizamos esses momentos e passeamos por eles, com a reconciliação limpando os ressentimentos que nos atam ao passado, teremos feito uma boa peregrinação até a fonte da renovação e da transformação.

Não esqueçamos as pequenas frases que surgiram em nosso interior, não esqueçamos os pensamentos que nos chegaram subitamente, não deixemos de anotar algumas verdades que conseguimos sentir, porque as vimos dançar brevemente em nosso caminhar ou porque as vimos em nossos sons reparadores depois de nossa peregrinação. Essas frases, esses pensamentos e essas verdades dançarinas são inspirações que estamos prontos para agradecer e são inspirações que nos convidam a ir além de nossas experiências, não somente de reconciliação, mas de superação das contradições, das debilidades e dos temores.

Faço votos para que as buscas e os encontros nos inflamem e nos motivem muito profundamente.

Para terminar, devo dizer que reconheço e quero compartilhar com todos esta situação que é similar à que descrevemos em uma de nossas Experiências Guiadas: "Regresso ao mundo com a frente e as mãos luminosas. Assim, pois, aceito meu destino. Ali estão o caminho e eu, humilde peregrino que regressa à sua gente. Eu, que volto luminoso às horas, ao dia rotineiro, à dor do homem, à sua simples alegria. Eu, que dou de minhas mãos o que posso, que recebo a ofensa e a saudação fraterna, canto ao coração que do abismo escuro renasce à luz do ansiado sentido."

Título original: ©*Silo a cielo abierto*

Todos os direitos desta edição reservados à Presságio Editora

[www.pressagio.com.br](http://www.pressagio.com.br)

Outras fontes de consulta:

[www.parquecaucaia.org.br](http://www.parquecaucaia.org.br)

[www.elmensajedesilo.net](http://www.elmensajedesilo.net)